

FINANÇAS

ENTREVISTA ANTÓNIO DE SOUSA Presidente da Associação Portuguesa de Bancos

“A banca e os banqueiros estão com uma imagem fragilizada”

Melhorar a imagem dos bancos, explicando a sua função, é uma das tarefas de António de Sousa. Também a mexida na regulação merecerá a atenção da APB.

Bruno Proença,
Francisco Ferreira da Silva
e Sandra Almeida Simões

bruno.proenca@economico.pt

Na sua primeira entrevista enquanto presidente da APB, António de Sousa admite que a imagem da banca está fragilizada com os mais recentes casos mediáticos. E alerta ainda para o perigo de as novas regras podem tornar o mercado português pouco competitivo face aos concorrentes.

A regulação é o grande desafio da banca, neste momento?

O desafio da regulação e da supervisão é importante em dois sentidos. Por um lado, para recuperar a confiança perante o abalo que os casos internacionais causaram. Por outro lado, a própria banca tem de criar condições concorrenciais que não estejam distorcidas, por haver instituições que tenham condições mais favoráveis que outras.

O falhanço foi de supervisores, auditores e agências de 'rating'. Aparentemente, estão a passar entre os pingos da chuva...

As agências de 'rating' foram aquelas que mais critiquei em intervenções públicas. Também se pretende que as auditoras, nos pareceres que elaboram, atestem se a informação contabilística é verdadeira. As auditoras foram muito criticadas há uns anos, em casos como o da Enron. Agora, no caso dos bancos, não foram, o que é um pouco estranho.

As auditoras nem são citadas...

Não são entidades supervisoras, mas fazem parte do sistema de supervisão. Tal como as auditorias internas, que vão continuar a ser fundamentais na supervisão. Nenhuma entidade, bancos centrais ou agências, poderá ter uma supervisão que seja uma verdadeira auditoria ou então vamos criar entidades de enorme dimensão, que se atralharão umas às outras.

E a avaliação do risco?

Essa é uma das áreas mais difíceis de regular de uma forma impositiva. Diria que a análise do risco não vai ter uma solução total, po-

“

É importante que não sejam tomadas medidas que destruam a capacidade da banca de fazer determinado tipo de operações.

Infelizmente, em Portugal criou-se um clima contra a rentabilidade dos bancos.

A área de análise de risco não vai ter uma solução total, mas podemos ter soluções de bom senso.

demos ter soluções de bom senso. Por exemplo, mais importante que o nível de endividamento das famílias é o rácio entre o que a pessoa ganha e o que tem de pagar à banca.

Quais as prioridades da APB?

Um dos temas é a regulação. O outro é explicar o papel dos bancos na economia, que é mal entendido. Aprendemos que um banco é um intermediário financeiro, transforma recursos em crédito que concede a particulares e clientes empresariais. Mas, como o financiamento não podia ser suportado apenas pelas poupanças internas, a banca teve de financiar-se no exterior. Por isso, ou os bancos são considerados sólidos, credíveis e rentáveis, ou não são capazes de se financiar no exterior, o que será complicado para a economia. Infelizmente, em Portugal criou-se um clima contra a rentabilidade dos bancos.

O regulador e o Governo desenvolveram uma campanha contra o "abuso" dos bancos?

A maior parte dos contratos com entidades financeiras, aplica-se a bancos e seguradoras, são difíceis de ler. No entanto, têm de ser completos. Houve várias medidas para proteger os clientes bancários. Essas medidas são úteis e estão relacionadas com a credibilidade e a transparência dos bancos. O importante é que não sejam tomadas medidas que destruam a capacidade da banca de fazer determinado tipo de operações e sobretudo que algumas dessas medidas não tenham efeitos retroactivos.

E o sigilo bancário?

Mais uma vez, depende do âmbito. É preciso ter cuidado para que não haja uma situação em que a banca portuguesa se torne desinteressante face a outros concorrentes internacionais.

Acha que é necessária uma maior concentração na banca?

Diria que não é preciso. Mas também não me chocaria, mas vendo as estruturas accionistas e as culturas muito vincadas...

E o tempo que demoram os processos na banca, está a

contribuir para acabar com a ideia dos banqueiros como a última aristocracia?

Sim, fragilizou a imagem da banca e dos banqueiros e tem aspectos bastante negativos. Um dos problemas em Portugal é a lentidão da justiça, seja dos tribunais, seja das entidades reguladoras. Temos uma das Justiças mais morosas e mesmo quando há decisões, surgem recursos e mais recursos...

Não é como o caso Madoff nos Estados Unidos...

No caso Madoff diz-se que foi mais fácil porque ele se declarou culpado. Acredito que isso em Portugal ajudaria certamente, mas não aceleraria muito, porque o processo continuaria.

Assim, a imagem da banca não vai melhorar?

Infelizmente, não vai melhorar, o que é muito mau. Todos estes processos vão ser muito extensos. Aliás, já estão a ser. Já duram há um ano ou mais.

Que leitura faz da acusação do governador do BdP à comissão parlamentar de inquérito ao BPN quando diz que não tem competência técnica para conduzir os trabalhos?

Penso que, em democracia, o Parlamento é soberano. Provavelmente, muitas das questões não eram as mais adequadas, mas faz parte dos custos da democracia a demora deste tipo de processos e não serem tecnicamente perfeitos. São custos inevitáveis.

A sua eleição para a APB não foi consensual. Como é que encarou a oposição ao seu nome?

Fui convidado depois de uma reunião onde estiveram os presidentes dos cinco maiores bancos nacionais. Foi uma eleição por unanimidade.

Houve o comentário de um banco, através do seu presidente, Mira Amaral...

Esse banco não é sequer associado...■



Leia a última parte desta entrevista na página 48

António de Sousa recebeu o Económico para a sua primeira entrevista à frente da APB.

Paulo Alexandre Coelho

“Não existe sistema perfeito para evitar fraudes”

Cientes têm de ter noção de que a escolha de banco acarreta um risco, defende o banqueiro.

António de Sousa não gosta de falar abertamente dos casos mais polémicos da banca nacional, até porque alguns são alvo de inquéritos judiciais. Ainda assim, relembra que a escolha de determinado banco acarreta riscos, e que os clientes têm de perceber que maior rentabilidade dos investimentos tem, como reverso da medalha, maior possibilidade de incumprimento. No caso do BPP, preocupa-o o facto de haver ainda confusão entre depósitos e investimentos. No que toca ao BPN, acredita

que a sua venda não irá desequilibrar a concorrência em Portugal, até porque poderá ser adquirido por uma instituição estrangeira.

Sobre a supervisão, concorda com Vítor Constâncio, governador do Banco de Portugal, na visão de que nenhum sistema no mundo é totalmente à prova de fraudes. “Mesmo que exista um polícia em cada esquina, os assaltos não vão acabar. Pode diminuir, mas os criminosos vão arranjar maneira de contornar a vigilância”, defende. ■



Caso BPP

Retornos elevados devem ser olhados com cautela

António de Sousa diz que a questão no caso BPP é saber se os produtos de retorno absoluto são ou não depósitos. E sublinha que “muita gente perdeu dinheiro em fundos e em acções e não reclamou”. Por isso, o problema está “em saber se os produtos foram vendidos sob outra designação”. Quanto a deixar falir o banco, o presidente da APB não tem ideias claras, mas sempre diz que “bancos pequenos e de nicho de mercado têm ido à falência em todo o mundo, antes e durante a crise”. As pessoas, acrescenta, “têm de ter a consciência dos bancos que escolhem, porque existe um risco associado a essa escolha”. Deixa ainda um conselho: “Não há regras. Mas, se um banco começar a oferecer taxas de juro muito acima do mercado, algo de estranho poderá estar a acontecer. Ou descobriu um investimento espectacular, ou está numa campanha, limitada no tempo, de angariação de novos clientes, ou está, pura e simplesmente, numa atitude de fuga para a frente”.

“Bancos de nicho têm ido à falência em todo o mundo”

Caso BPN

Venda do BPN não irá desequilibrar a concorrência em Portugal

O novo presidente da Associação Portuguesa de Bancos não é pródigo em comentários ao caso BNP, até porque existem processos judiciais em curso. Para António de Sousa, não será possível a nenhum regulador do sistema bancário em todo o mundo evitar que existam fraudes. “Qualquer que seja o sistema, se a fraude for bem organizada, é impossível detectá-la”, afirma. E acrescenta, por analogia, que “mesmo que exista um polícia em cada esquina, os assaltos não vão acabar. Podem diminuir, mas os criminosos vão arranjar formas engenhosas de contornar a vigilância”. O mesmo acontece no sistema financeiro. Por isso, garante que “não existe nenhum sistema perfeito para evitar fraudes”. Em relação à concentração bancária, António de Sousa entende que a venda futura do BPN não irá acrescentar grande consolidação ao sistema, quer porque o banco tem perdido quota de mercado, quer porque até pode ser vendido a uma instituição estrangeira.

“Se a fraude for bem organizada, é impossível detectá-la”

António de Sousa, que já esteve à frente do maior banco nacional, sucedeu recentemente a João Salgueiro como representante dos bancos portugueses.



“Tenho as maiores dúvidas sobre o TGV e o aeroporto”

Política de transportes centra críticas do banqueiro ao Governo, que elogia a segurança social e as energias renováveis. A crise vai reinar ainda no próximo ano.

Este ano vai ser perdido em termos económicos e 2010, se tudo correr bem, será apenas de estabilização. António de Sousa alerta para o endividamento face ao exterior e manifesta dúvidas sobre os grandes investimentos públicos.

Em que ponto da crise estamos? O pior já passou?
Devemos continuar a pensar nesta crise e nos seus efeitos sociais, complicados, nomeadamente ao nível do desemprego. A concentração deve incidir na saída da crise, não da forma mais rápida possível, mas de melhor forma. Penso que 2009 vai ser um ano perdido, 2010 será, quando muito, de estabilização e espero que em 2011 e 2012 não se verifiquem situações de crescimento rápido seguidas de novas quedas. E, atenção. É preciso ter a coragem para rapidamente, em termos orçamentais e monetários, actuar de forma a evitar desequilíbrios estruturais grandes. Diria que é que quase uma arte ter a percepção de quando é possível actuar e qual a dose.

Há a questão de a nossa crise se ir sobrepondo às outras...
Exactamente, temos uma situação particular, embora neste caso a saída da crise vá depen-

“
Penso que 2009 vai ser um ano perdido, 2010 será, quando muito, de estabilização e espero que em 2011 e 2012 não se verifiquem situações de crescimento rápido seguidas de novas quedas

der da Espanha e da Alemanha.

E a questão do endividamento.
Fala-se muito do endividamento das famílias, mas diria que o mais grave é o endividamento de Portugal face ao estrangeiro.

O Presidente diz que há um problema de contas públicas...
Nós temos um problema estrutural que não está resolvido, mas o problema da dívida pública está mais ou menos em linha com a média europeia. Houve os apoios à banca, que não é dívida, porque os bancos têm capacidade para os pagar.

A questão da competitividade vai limitar o aumento do PIB potencial, vamos continuar a voar baixinho?
Penso que esse é o problema estrutural da nossa economia. Há uns anos dizia-se que o crescimento potencial do PIB rondava os 3%, agora as estimativas apontam para cerca de 1%, o que fica abaixo da média estimada para a Zona Euro.

Como é que se resolve?
Não consigo dar uma resposta nesta entrevista...
As sondagens dizem que estamos perante a possibilidade de não haver uma maioria absoluta nas

próximas eleições. Será uma dificuldade acrescida?
O mais evidente é dizer que com maiorias absolutas a estabilidade governativa é maior. Mas também já houve momentos de maioria absoluta com grande instabilidade e já tivemos um governo minoritário que foi extremamente eficaz, o primeiro governo de Cavaco Silva.

Que avaliação faz do Governo. Aspectos positivos e negativos?
Há áreas que correram muito bem, como a segurança social, e não apenas na reforma, e as energias renováveis. Como negativo, penso que a área dos transportes tem sido confusa. Tenho as maiores dúvidas sobre TGV e aeroporto, mas até tenho mais dúvidas ainda sobre as auto-estradas.

Em relação às grandes obras, está de acordo que não devem avançar?
O investimento público deve ser adequado às necessidades do país. Penso que tem havido uma grande concentração nas grandes obras, quando, neste momento de crise, o investimento público deveria recair na multiplicidade de pequenas grandes obras. Ou seja, nas escolas, nas ruas das cidades, nos hospitais. ■ B.P., F.F.S. e S.A.S.

QUESTIONÁRIO

“Gosto de pop/rock com preferência por heavy metal”

Qual é o livro que está a ler?
Para além dos policiais que consumo em grande quantidade, o livro que acabei de ler que achei mais interessante foi “O Tigre Branco” de um autor indiano.

Qual o livro da sua vida? Porquê?
Há tantos...

Onde costuma passar férias?
No Algarve uns dias e tento fazer umas duas viagens por ano a países e regiões que ainda não conheço.

Qual a viagem que mais o marcou? Porquê?
Talvez as várias viagens à Índia, observar culturas diferentes, monumentos e paisagens diferentes, enfim gostei tanto que lá voltei três vezes em dois anos.

Gosta de cinema?
Muito.

Qual o melhor filme de sempre?
“Citizen Kane”. Sei que é banal nestas listas mas é dos poucos que já vi várias vezes.

De que música mais gosta?
Em especial de música tipo pop/rock com uma preferência por heavy metal.

O que é que gostava de ser quando era criança?
Economista/gestor de empresas como o meu pai e o meu avô.

Em que liceu estudou?
Liceu Camões.

Que tipo de aluno era?
Bom aluno, mas com problemas de visual - cabelos bastante compridos nos anos 60...

Teve colegas de escola que hoje são famosos ou, pelo menos, conhecidos?
Do liceu relembro o Miguel Athayde Marques, Presidente da Euronext e o Francisco Capelo, ligado às artes.

Já esteve no Governo. Pensa voltar à política?
Não.

Acha que os políticos estão a perder qualidade?
Sim.

Alguma vez pensou deixar Portugal e ir viver para outro país?
Vivi nos E.U.A. e decidi conscientemente voltar definitivamente para Portugal.


Gosta de desporto?
Muito em especial futebol.

Qual é o seu clube do coração?
Sporting.

Era capaz de assumir um cargo dirigente no seu clube?
Não.

“A banca e os banqueiros têm uma imagem fragilizada”

António de Sousa, na primeira entrevista como presidente da Associação Portuguesa de Bancos, diz que quer melhorar a imagem dos bancos. O antigo governador do Banco de Portugal fala ainda da economia e dos grandes investimentos. — P46 A 48

A black and white portrait of António de Sousa, a man with glasses and a mustache, wearing a suit and tie. He is looking directly at the camera with a serious expression. The lighting is dramatic, with strong shadows on his face.

António de Sousa, que já foi governador do Banco de Portugal e presidente da Caixa, é o novo presidente da Associação Portuguesa de Bancos.